

REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR - JOAQUIM CARDOSO
Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa - PORTUGAL
Endereço telegráfico: Táliaça-Lisboa - Telefone 5339 O.
Officinas de impressão - Rua da Ataláia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ - PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A RUSSIA E A BURGUESIA INTERNACIONAL

Não tem a organização soviética a Nova Rússia grandes parelhas com a organização que idealizamos e por que combatemos. Isto dito claramente uma vez por todas. Todavia, a derrota de Wrangel encheu-nos de regosio. Mais nos alegráramos se os vendidos, em vez de pobres soldados inconscientes, vítimas da burguesia que lhes deu a voz de marcha contra os bolchevistas, fossem aqueles que odeiam a Rússia, promovendo o bloqueio desatado que tantos inocentes flagela. De qualquer forma, porém, a derrota de Wrangel, seguida dos fracassos de Kolchak, Yudenich e Denikine, encheu-nos de satisfação. É que essa derrota modificaria talvez a política que vários estados europeus, com absoluta reprobção das populações respectivas, tem seguido em relação à Rússia dos Soviets.

A Revolução russa tem os seus defeitos, as suas insuficiências, os seus erros. Mas tem também as suas grandezas, os seus lados admiráveis. Depois, trata-se dum começo, dum obra no início, uma obra que os ataques furiosos do capitalismo internacional não tem podido progredir. A Rússia não em pôde exportar os seus produtos, trocando-os pelos artigos que não produz. A sua vida interior, constantemente agitada pelos ataques exteriores, não conseguiu atingir ainda aquela serena normalidade, propícia às reformas, ao trabalho, ao progresso. A morte da sua actividade tem sido consumida em trabalhos de defesa, em lutas pela liberdade e pela independência que a burguesia internacional procura aniquilar.

E' esta atitude do capitalismo, em relação à Rússia, que se nos figura extremamente odiosa. Depois dum guerra em que se defendeu a liberdade e o direito de cada povo se governar a si próprio, como entendesse, acolhendo o regime que mais lhe agradasse, depois dum guerra assim, o procedimento dos governantes ingleses e franceses toca as raízes da infâmia. O bloqueio, o envio de tropas, o protelamento de negociações para o restabelecimento de relações comerciais são outros tantos desmentidos aos princípios de liberdade que na guerra diziam procurar salvaguardar-se. Nenhuma arma, nenhum processo foi achado menos legítimo para combater essa população, que aliás tem sabido vencer gaillardamente os seus inimigos. Não se esperava, é claro, que a burguesia internacional aceitasse com satisfação a nova ordem social estabelecida na Rússia. Mas há o direito de exigir um termo à guerra infame que contra esse país vem sendo movida.

Em Inglaterra e em França o povo manifestou já bem acentuadamente a sua repulsa pela atitude dos governos. Nem é preciso ser-se bolchevista para condenar com veemência a obra nefasta desses governos. Os comícios realizados ultimamente em Londres a favor da paz com a Rússia revelaram uma impopularidade extraordinária. A's reuniões promovidas em toda a França com o mesmo fim também o povo acorreu, e bem vibrante, bem sentido, bem clamoroso foi o seu protesto. Não duvidamos que estas manifestações populares tomem um carácter de maior energia se a burguesia, aliada aos governos, persistir na sua atitude de provocação. Já num pórtico francês os trabalhadores do país se recusaram a embarcar munhões destinados a atacar os russos. E certos estarmos de que os actos deste género se reproduzirão com crescente frequência, no caso de não ser tomada a derrota de Wrangel como o termo dos massacres e das sangrias nas terras da Rússia.

NOTAS & COMENTÁRIOS O QUE É O BOLXEVISMO?

Quem governa?

Nestes últimos tempos, o parto de governos burgueses tem sido cada vez mais difícil. As crises - os governos - ao cabo de meia dúzia de dias, semanas, ou meses de existência, morrem sem que lhes façam mal. O presidente da república já não tem por onde escolher. Cai o governo e aí começam as dores de barriga. Quem há de ir, quem não há de ir para o poder? Vai o António, o Alvaro, o Hipólito? Vão todos e todos caem. Os patriotas arrancam desesperadamente os raros cabelos, não se sentem seguros, porque não temos governo. Corre-se já a escala, a coleção de ministros disponíveis, não se encontra um sequer. Já foram todos experimentados e todos falharam.

Quem vai, quem não vai para o poder... até que alguém se lembra do Liberato Pinto, e líder desse partido formidável... a G. N. R. Porém ocorre-nos esta pergunta: será necessário que o sr. Liberato Pinto forme governo para governar?

Nos "anarquistas"...

Segundo o O Séclo, o sr. Liberato andou ontem a correr daqui para acolá, à cata de ministros e ultimando negociações. Dizia o mesmo jornal que o sr. Liberato aguardava a chegada à Lisboa do sr. António Granjo por causa não sabemos de que combinações. O futuro presidente do ministério não encontrou o antigo presidente de ministério, porquanto julgava realmente que este se encontrasse fora. Pessoas de confiança nos tem dito que o sr. Liberato, à guisa dum revista portuguesa que por aí anda, tudo sabe, tudo vê e tudo ouve. Se há bernarda nos paulistas o sr. Liberato sabe-o; se os ares se turvam para os lados do Rossio, o sr. Liberato vê-os; se temos discussão forte no parlamento, o sr. Liberato ouve-a. Tudo sabe, tudo vê e tudo ouve.

Ora, o sr. Liberato tinha a certeza, sabia-o, que o sr. Granjo viajara pela província. Estará o café dos anarquistas situado em alguma terriola da província? Devemos notar aqui que o sr. Granjo foi ontem aos Anarquistas comer um bife à inglesa, e o café dos Anarquistas fica ali para a Trindade, não muito longe do Carmo. Não queremos acreditar, pois que o olho do sr. Liberato não alcançasse o Carmo à Trindade. Se tal acontecesse cairia o Carmo e a Trindade! Não, não pode ser. O sr. Liberato não viu o António Granjo? (A que atribuir semelhante fatalidade?)

Talvez o sr. Liberato precise... limpar a vista!

Será aplicável em França?

Não há discussão, não há mesmo conversação onde não se ouça constantemente esta palavra: bolxevismo. Ora, eu não tenho a certeza de que toda a gente esteja de acordo sobre o sentido que se deya dar-lhe, sobre a significação do estado de cousas que exprime.

Tem-se dito e repetido que etimologicamente se opõe muito simplesmente a menxevismo e significa tendência maioritária.

Mas nós já sabemos bem quantas deformações sofreram estas palavras maioritários e minoritários. Os espiritos evoluem. As esperanças mudam. As maiorias desaparecem. Os maioritários tornam-se a minoria, e vice-versa. Maioritário, para explicar bolxevista, é um ponto de interrogação para responder a uma pergunta. Maioritário é uma palavra que os factos tiraram do sentido.

Procuramos, pois, outra cousa. O bolxevismo é o regime sob o qual vive hoje a Rússia. Procuremos, então, o que caracteriza este regime.

Na sua base encontramos o soviético. Bem. Mas que vem a ser um soviético?

Os soviets não datam da revolução russa. Estes "comités de operários e soldados" existiam já, ilegalmente, sem dúvida, mas dum maneira real, sob o domínio dos czares. Não passavam então de organizações secretas. Tornaram-se a célula governamental do novo regime.

O regime soviético tem duas características essenciais:

1.º E' um regime descentralizador; 2.º E' um regime de competências.

Passo a explicar.

Regime descentralizador: cada cidade é autónoma e governa-se a si própria. A cidade elege o seu soviético, por eleição directa, e é ele responsável por todos os actos perante ela. Funciona sob o controle imediato.

Regime de competências: isto é, que na direcção de cada um dos serviços municipais se esforçam por colocar um trabalhador especializado nos seus serviços.

Eis as características que nos parecem poder-se tirar de tudo o que sabemos de tudo o que nós temos lido nos documentos autênticos a respeito da Rússia.

Aplicamos agora a este regime a nossa crítica.

Um regime descentralizador terá sempre aos nossos olhos grandes defeitos e apresentará, na aplicação, grandes inconvenientes.

Há entre as cidades diversas, senão rivais, distâncias enormes. Falta-lhes ligação, coesão.

Tal cidade tem uma superprodução de tal matéria e a outra cidade, falta desta matéria. Porém, a fecunda cidade tem abundância de outra qualquer coisa, que falta à primeira cidade. Quem fará compreender a estas duas cidades que elas poderão ajudar-se mutuamente, atender as suas necessidades e realizar uma troca de produtos da qual tiraria duplo benefício? Se elas são vizinhas, ainda se admite! Mas se uma delas é na Polónia e a outra na Sibéria?

Admitindo que a Rússia possa passar sem esta ligação entre cidades, porque as dificuldades de comunicações acostumaram os habitantes a viver isolados um dos outros, e acreditais que este sistema, se assim o quisessem instituir em França, não deveria, sob este ponto de vista, que é a base do método soviético, ser inteiramente refundido?

Aqui temos caminhos de ferro desenvolvidos, linhas marítimas activas, telefones, telegrafos, aviões mesmo, em grande quantidade. Cada cidade, entre nós, participa da vida de todas as outras. Torna a dividir a França em províncias, depois em cidades francas, etc. E' recuar cinco séculos, é voltar à Idade-Média.

A NORMALIZAÇÃO UM GESTO NOBRE dos operários fardados!

Nunca a luta formidável que os ferroviários veem mantendo há dois meses, sem um desfalecimento, sem a menor nota de fraqueza, esteve tam acesa como agora.

Que o operariado organizado não deixe por um só momento de seguir as fases desta greve imponente.

Todas as tentativas de normalização falharam, todos os sofismas rasteiros, todas as calúnias, tudo tem sido derrubado pela energia indomável dos valentes ferroviários. Cada vez é mais forte a sua atitude, mais desinteressada a luta, mais resistente esta greve de doze mil homens, onde nem um só temor, nem um único gesto de renúncia se verifica.

A razão, a grande razão de que estão possuídos brilha mais forte, cega os imbecis da política, os militarões em cuja cabeça oca se meteu a mania da normalização.

A célebre apresentação do dia 25, em que o palhaço da normalização, o fardado desta comédia extravagante o Raúl Esteves, enfim, tinha tanta esperança, faliu, tornou-se num verdadeiro fiasco. De 25 do corrente para cá mais se acentuou a greve. A ordem de apresentação responderam altivamente os ferroviários com a continuação da greve, sem medo, sem hesitações.

Os operários fardados que o Raúl Esteves julgava poder reter ao serviço de tração, sob a perpétua ameaça das leis militares, abandonaram ontem, na sua quase totalidade, esse serviço vil, dando uma lição de moral ao Raúl Esteves que de odiado se vai tornando ridículo.

Houve militares que deixaram as suas fardas de presente ao Esteves e abandonaram o papel torpe que desempenhavam. O Raúl Esteves que faça a normalização com as fardas, com os trapos... Primeiro do que o militar está o operário, antes da farda a blusa, acima do traído o trabalhador consciente.

A caserna não conseguiu anular naqueles camaradas os seus dotes de carácter, não os impediu de raciocinar. Quem pensa não pode ser militar, porque não serve o militarismo senão para deitender a causa da burguesia, do Estado capitalista. Aqueles operários pensaram e o seu pensamento levou-os a ver a luz clara da verdade: o militarismo é ainda a grihetta moderna, que embaraça os movimentos dos trabalhadores, que os tor-

na inimigos de si mesmo, que transformam os operários numa máquina de opressão que a burguesia emprega para esmagar os interesses de quem trabalha.

Esta hora, por esses lares onde tanta miséria impera, onde tanta lágrima se tem chorado, onde tanta criança pede pão, um sorriso alhorará aos lábios das mulheres e dos pequenos, por saberem que os seus irmãos de trabalho, se revoltaram num gesto nobre, abandonando um serviço infame, sentindo as suas dores!

Perguntamos nós se, nesta ocasião, quando os militares, esquecendo todas as dificuldades, todas as ameaças se mostram tam audazes, os amarelos, poucos felizmente, que estão traindo a sua própria causa, não se sentem amesquinhaos, pequenos, rasteiros.

Nas linhas do Minho e Douro nem um só grevista se apresentou ao trabalho. A paralização é absoluta. Não sabemos ainda se os militares ali ao serviço seguiram ou seguirão o gesto admirável dos seus camaradas do Sul. Porém, a continuação a infâmia, a mentira, a perseguição quem duvidará que tam grandioso exemplo frutifique no Norte?

Raúl Esteves está furo. Ainda bem, ninguém o obrigou a meter na ordem os ferroviários. As máquinas estão quase todas inutilizadas... pela normalização. Tomou por isso uma resolução (estão vendo as resoluções do Esteves): mandou vir da C. P. duas máquinas para as linhas do Sul e Sueste.

Uma dessas máquinas tem o número 120, a outra não sabemos, nem é preciso. O que é necessário aqui registrar, com honra, é que o maquinista da C. P. que manobrava a 120, se recusou a fazê-la andar. Foi preso, nem podia deixar de ser, porque todo aquele que possui um pouco de consciência não tem outro caminho senão o da prisão. É a continuação, a ininterrupta sementeira de ódios.

A colheita - o Esteves que diga - é detestável: má semente, má planta.

Todos estes factos nos levam a crer que os ferroviários são invencíveis. Cada vez se encontram mais fortes, mais seguros da sua força.

Avante, avante ferroviários, que a organização operária já não segue o vosso porte ativo com a atenção de sempre, segue-o, sim, com espanto, com admiração!

A CATEDRAL

Na manhã, de sexta-feira, publicou conhecido crítico de arte sr. Matosqueira um artigo sobre A Catedral, de Manuel Ribeiro, que é, quanto a nós, todas as críticas que sobre aquele livro temos lido, a que melhor se ajusta ao valor da obra e às qualidades do autor.

Aprez-nos a reproduzir a crónica que sr. Matosqueira fez publicar sobre o referido volume de Manuel Ribeiro, que é também o festejado autor de Sentido de viver e de Na linha de...

Comecemos ontem à noite a leitura da obra Manuel Ribeiro, terminada hoje de manhã. O último capítulo devolveu a caminhar na rua sem cautela nos passos, nem guardando nos encontros, até o derradeiro capítulo em que Luciano, pelo braço de Coutinho, desemboca na desolação da vida, vindo daquela estrada de sonho que se embemba todo o seu ser. Que agora traga duas linhas sobre o volume em tanta a agitação de beleza máscula que não tem a tom os nervos, tam grande a nobreza da obra, que pouco posso indicar no traçado de um ligeiro esboço de crítica. A Catedral é a obra de um pensador de um erudito e de um sensualista. Precisa aceção do termo, que o vulgar coloco e diminui para revestir outra vez. Vive nela um artista, existe lá dentro a ideia, alarga-se dentro do seu opulento abalo um linguista, entumescem no seu opulento temperamento de literato, revesa ao arrojado coerente dos conceitos um critério orientado. Na torrente de águas suas destaca-se, como um veí de linha, menos romance do que obra de arte, cheio de sentimento como de saber.

Um conceito pessoalmente Manuel Ribeiro, nem sequer de vista. Ofício falar valente de dois livros anteriores que não se vagamente se também que em jornais e revistas a sua pena tem sido sceptico de belas novas e léguas de preconceitos veis. E' pouco: mas o ter lido este belo livro vale uma apresentação desvanecedora ao crítico e dá-me do seu espírito o quente conhecimento, alheando para longe as discordâncias possíveis e prováveis orientações. Da política militante, como se diz-se, vivo tam afastado, que chego a conhecer-me de que ela só existe para fugir os auidos quando r-c-o pelas versas alheias. Que o autor é um exímio, um tavaquenho, gizo dizer. Pois, mas acima de tudo é um escritor nos que hora as letras e que, rom Aquilino, pouco mais, constitui o núcleo de grandes páginas e de forças e livros. Presto com infinito prazer homenagem a Manuel Ribeiro, ao criador da beleza, ao artista de A Catedral.

O congresso socialista

foi adiado para o próximo ano

BERNE, 28. - O congresso socialista que devia iniciar as suas sessões em 3 de Dezembro foi adiado para o próximo ano. - Rádio.

União dos Sindicatos Operários

Ao povo trabalhador

Na sede deste organismo, calçada do Combro, 38-A, 2.º, realiza-se hoje, pelas 20 horas, com a presença de um delegado ferroviário uma sessão pública, a fim de expor à classe operária o dever de auxiliar os valentes camaradas ferroviários em luta, e bem assim mostrar ao governo que se venha a constituir que não estamos dispostos a deixar esmagar aqueles camaradas, inda até a luta se tanto for mister, mas de uma forma enérgica e ativa.

Camaradas: Vinde a esta e outras sessões, que se vão realizar, patenteai aos governantes - que são as baionetas se apoiam - que a solidariedade dos trabalhadores é um facto.

Na impossibilidade de se enviar convites especiais aos Sindicatos e Federações, ficam por esta forma convidados a fazer-se representar.

Federação dos Trabalhadores Rurais

A comissão administrativa desta Federação enviou a todos os sindicatos aderentes uma consulta sobre o apoio ao movimento grevista dos ferroviários do Estado, convidando por este meio todos os organismos federados que não o fizeram, a responder com a máxima brevidade, para bom andamento dos trabalhos.

A Grécia em foco

Os negócios recentemente da complicação política

ATENAS, 28. - A situação política reflectiu-se gravemente no mundo dos negócios, os quais se acham inteiramente paralisados. O câmbio sobre Paris elevou-se a 75 dracmas, sendo a equivalência 3; os banqueiros suspenderam a concessão de créditos. Esta situação é consequência da oposição da Entente ao movimento para a restauração do ex-rei Constantino. - Rádio.

EM ESPANHA

E' proferida a inculpação dum suposto bombista

CADIZ, 28. - Realizou-se a audiência de júri do acusado do lançamento de um petardo na habitação do presidente da Federação Patronal, António Milan, sendo proferida a sentença de inculpação. O delegado do Ministério Público pedia a cadeia perpétua e em face da sentença solicitou a revisão do processo e novo julgamento, o que foi concedido. - Rádio.

Fogo pôsto num transatlântico

BILBAU, 28. - Na sexta-feira à tarde declarou-se um violento incêndio no grande transatlântico "Afonso XIII", recentemente lançado à água. O incêndio teve o seu início nas adegas e os seus tripulantes correram grande perigo.

A empresa que construiu o barco incendiado despediu ultimamente algumas centenas de operários por motivo de greves dizendo-se que ontem seria o último dia de trabalho. A empresa tinha recebido ameaças de atentados contra o dito barco, o qual se achava vivo.

Mais um atentado pessoal

SARAGOÇA, 28. - O conselho de ministros ontem reeditou assegurado o abastecimento da capital por três meses.

O governador de Saragoça comunicou ter detido o autor de um atentado bombista.

Em Barcelona foi cometido um novo atentado pessoal conseguindo fugir os agressores.

O sub-secretário do interior declarou continuar forçando-se a produção do pão não se tendo dado novos incidentes.

Renovou-se o conflito dos empregados comerciais.

Na Academia Espanhola realizou-se uma recepção em honra dos delegados americanos ao Congresso Postal. - Rádio.

A greve da C. P.

A Batalha publicará amanhã um artigo de Um grupo de ferroviários da Companhia Portuguesa dos Caminhos de Ferro em que se aprecia circunstanciadamente o recente movimento grevista.

PELA ITÁLIA

A nova Inquisição

Giolitti ordena a interceptação de toda a correspondência para a "Umanità Nova"

Está apostado o governo de Giolitti em fazer para sempre desaparecer o diário anarquista de Milão, Umanità Nova, não descurando para este fim todos os processos por mais infames que possam ser. Primeiro começou por prender todos os redactores em seguida ordenou o roubo dos livros da administração; e agora pretende que no correio seja receptada toda a correspondência dirigida ao jornal. Já vários apelos tem sido dirigidos aos camaradas dos correios e telegrafos, para que não obedeam a tais imposições, mas, por enquanto, o proletariado italiano mostra-se bastante renitente, - salvo alguns casos isolados, - a tomar uma atitude franca e desassombrada em defesa dos seus mais fiéis companheiros de luta.

Os chefes socialistas, esses então, todos abstrahidos unicamente com a campanha eleitoral, nem tempo tem tido para nisso pensar, e as massas, por sua vez, não amando ainda bastante a liberdade, a ponto de prescindirem das ordens dos superiores, espera tranquilamente de cima lhes mandem fazer qualquer coisa. E no entanto, Malatesta continua preso e doente no cárcere de S. Vittore, aguardando o julgamento, juntamente com Armando Borghi e Virgília de Andrea, todos três acusados de incitar ao ódio de classe e à insurreição armada contra os poderes do Estado.

A burguesia, pela voz da imprensa, tem-se mostrado muito satisfeita pela

Na Alemanha

O ministro do interior tenta justificar as violências exercidas sobre os electricistas

BERLIN, 28. - Respondendo no Reichstag às interpeleções do partido nacional alemão dos electricistas, o ministro do Interior Koch declarou que a greve tinha afectado todas as indústrias vitais e que a lei presidencial concedendo poderes extraordinários ao governo não pode ser suspensa pôs este tem de energicamente se opor à política dos instigadores do terrorismo.

O ministro declarou ainda que em futuras greves que afectem os principais serviços técnicos não serão readmitidos os empregados grevistas. O ministro fez ainda alusão à atitude tomada pelos jornais radicais quando os partidos da classe média aplaudiram a firme posição tomada pelo governo e que os radicais declararam tomar como uma declaração de guerra ao proletariado. - Rádio.

passividade até agora patenteada pela classe trabalhadora, concluindo que isto comprova a sua pouca consideração pelos "agitadores profissionais" agora encarcerados, mas intencionalmente deixam de existir as razões pelas quais os prenderam, pois que despresados por todos, não há perigo em que as suas palavras sejam escutadas ou seguidas. No entanto, apesar da sua primeira afirmação, eles não se atrevem a chegar às últimas conclusões, porque sabem muito bem que ainda é cedo de mais para que se possa já começar a cantar a vitória final

Ferrovários do Estado

Nota oficiosa

Cançados de esperar a solução da greve, que hoje completa 60 dias, e horrorizados perante a liquidação de tudo quanto nos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste representava valor para a economia do país e para o desenvolvimento dos mesmos Caminhos de Ferro, como ainda por verem regateada a si, como ferroviários, e aos seus camaradas de serviço, a justiça que reclamam que representa o pão de seus filhos e de suas famílias, os ferroviários militarizados e que obrigadamente se achavam ao serviço, acabam, num gesto de admirável solidariedade e abnegação pela classe ferroviária e pelo futuro dos que a ela pertencem, de abandonarem o mesmo serviço, recusando-se assim, trair os ferroviários ou contribuir para que o seu movimento se perdesse. Este gesto foi praticado por todos os ferroviários militarizados, que se encontravam nas linhas do Sul e Sueste.

Este gesto, bastante significativo, deve ser recebido, pelos governantes e pelo país, como uma prova mais da razão que assiste aos ferroviários e sobretudo do crime que se está praticando em deixar prolongar uma greve, que terá como consequência o aniquilamento das mais importantes redes do país, pois que ele não pode ser tomado como um acto de deserção militar, visto que os homens que o acabam de praticar permaneceram em França, meses consecutivos, suportando as violências da guerra, e sempre se tem batido e continuaram batendo pela defesa da República, mas também pelo triunfo da liberdade, da razão e da justiça.

O desespero tendo invadido os dirigentes militares dos Caminhos de Ferro do Estado, levaram a lançarem mão de tudo, para afirmar ao país a sua competência e a decantadíssima normalização de serviços. Os factos porém falando mais eloquentemente, negam em absoluto tais afirmações. Veja o público:

A falta de máquinas é tanta no Sul e Sueste, que contra a letra expressa dos contratos, as máquinas 120 e 125 da Companhia Portuguesa, vieram para Barreiro, fazer serviço. O pessoal das referidas máquinas, pertencente à C. P. recusou-se tripulá-las, sendo por isso alguns presos, e substituídos por pessoal militar.

As violências e os escândalos, atingiram proporções monumentais, a ponto de agentes estarem fazendo, fabulosos negócios, que lhe rendem enormes lucros, havendo alguns deles que hoje possuem já, contos de réis, das gorjetas, vendas de mercadorias e de outros negócios mais escuros, sucedendo a um inspetor houve no Barreiro, que dum só vez, recebeu 435800.

Há até oficiais a pesarem e venderem carvão na estação de Barreiro.

Para Lisboa tem vindo remessas

AS GREVES

completas de carvão, com destinos desconhecidos, remessas que seus donos vão depois reclamar, mas que já não encontram.

Um dos poucos amarelos, que existem nas linhas do Sul e Sueste, o chefe Alípio Augusto Prouença, prontificou-se a ir às estações de Fontes e Bomel, reparar as avarias no respectivo telegrafo, arrombando na presença de um oficial as portas das residências dos seus camaradas e cujados, para a rua. Em Bomel um agulheiro que tinha três filhos doentes, foi pôsto na rua, sem abrigo, sujeitando-se a permanecer debaixo de chuva com os filhinhos, até que um soldado da G. N. R. conduziu da situação das crianças, concedeu-lhe um encerrado para com ele fazerem uma barraca. Poi esse mesmo gesto foi anulado, por ordem do inspetor Joaquim Simplicio Júnior, que mandou enviar o encerrado ao Barreiro, ficando novamente os desgraçados ao ar livre. Vagueiam por aí a generosidade do lavrador e industrial sr. Vagueias, que os acolheu na propriedade de Monte Branco.

A destruição continua. O vapor Minho, partiu ontem as pás das rodas, ficando novamente inutilizado.

A máquina 44 encontra-se também inutilizada.

São falsas as afirmações sobre a existência de mil requiemientos na direcção, desafiando este comitê a mesma direcção a mandar fazer a apresentação dos indivíduos, sinatários dos referidos requiemientos, ou a fazer a substituição de todo o pessoal grevista.

Tudo isto é o resultado das tesuras e da teimosia do director militar dos Caminhos de Ferro, suportando o país os efeitos resultantes da acção anti-patriótica e verdadeiramente criminosos, dos indivíduos que tem passado pelas cadeias do poder durante estes dois meses e que num período económico tam grave, tem consentido todo este descalabro.

As consequências serão o aniquilamento das culturas no Alentejo e o encarecimento do custo da vida.

Do Porto, Faro, Beja, Fincheira, Tunes, Évora, C. Branca, V. Novas, Setúbal e Barreiro, todas as notícias confirmam a firmeza do pessoal e a sua disposição de se aguentar na luta através de todos os sacrifícios.

Como nota cômica, em contraste com a seriedade e gravidade da situação que se atravessa, o director militar, Raúl Esteves, mais uma vez fez ontem ouvir a banda do Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro, na esplanada das oficinas gerais do Barreiro, glorificando assim os actos heróicos praticados, por si e pelos seus oficiais nos serviços ferroviários do Estado.

Um manifesto do Sub-Comitê Central

O sub-comitê Central dos Ferrovários do Estado, do Norte, endereça aos camaradas ferroviários em luta

manifesto, do qual extratamos os períodos seguintes:

«Sustentamo-nos há 55 dias em greve, com a circunstância de não termos recebido os vencimentos de Setembro, pagando valiosamente, como nos cumpria, pelas nossas reclamações!»

Pois bem! Temos que continuar dando provas da nossa envergadura moral, impõe-se, é necessário, exige-se mesmo, que, para nossa honra e salvaguarda dos nossos interesses menosprezados, continuemos na mesma atitude, permanecendo em greve por mais alguns dias.

A nossa causa, que está sendo tratada por altas individualidades em destaque, deverá ser solucionada com honra num curto prazo de tempo, congregando-se neste momento todos os esforços no sentido de se efectivar o seu termino, de molde a que todos nós, de fronte à realidade, reconheçamos a labuta quotidiana, interrompida por bel'prazer do extinto e tirânico governo, cuja atitude prejudicou o país em milhares e milhares de escudos!»

Também nos cuidamos que a acção esclarecida dos mediadores entre os ferroviários e o governo conseguirá acabar, em um curto período de tempo, com um conflito que a todos prejudica.

Selvagens que tomam uma estrela por um foguete

Escrevem-nos a carta seguinte bastante elucidativa sobre a instrução da tropa:

Camada redactor:—Para que o público aprecie o grau de instrução dos mantenedores da ordem, peço ao camarada publicação do seguinte:

Em Garrão (Ateixo), foi preso, pelas 23 horas, um camarada ferroviário, de nome Manuel Domingos, por desconformidade de ter conhecido um levantamento de linha ali próximo. A patrulha que o prendeu, andava empunhada de deitar a mão ao comité de Funchal, e assim, conduziu-o a aquela hora pela ponte de Garrão com destino a Funchal. Onde se aloja o quartel geral dos brisões, viu a mesma guarda um facho luminoso ergueu-se na sua frente em círculo, e sem mais nada, sem um único raciocínio de criança, apontou as armas ao preso, dizendo-lhe que aquele foguete era um sinal do comité de Funchal para avisar o preso de que fugisse, embora aquele camarada lhes dissesse que não era isso, mas sim uma estrela que se tinha deslocado (se permittem que assim seja). Foi mesmo assim aquele camarada, foi agredido e as fôrças, verdadeiras selvagens, chegaram ao ponto de agarrarem nele pelos pés e pela cabeça com o fim de o deitarem da ponte abaixo, dando como desculpa de que tinha sido encontrado em actos de subversão e por isso assim procediam.

Isto foi dito na presença do preso, cujas declarações está pronto a dar-lhes.

Veja, pois, camarada redactor, onde chega o grau de instrução dessas criaturas que se intitulam mantenedores da ordem, quando na ordem precisavam eles ser metidos.

—Um ferroviário.

Em Beja

Impoente sessão de apoio aos ferroviários em luta

BEJA, 26.—Com enorme concorrência realizou-se ontem, na U. S. O., uma importante sessão magna, com a presença dum delegado directo da C. G. T., a fim de o proletariado bejense se pronunciar sobre o movimento ferroviário latente há longos dias pela criminoso irreducibilidade governamental.

A despeito da acinosa perseguição que as autoridades locais, desde o movimento de Abril, vem movendo à organização, não permitindo que o povo trabalhador reúna para apreciar os assuntos que directamente o interessam, a hora aprasada afluíu à Casa dos Trabalhadores grande número de camaradas ansiosos por prestar aos valerosos ferroviários a sua inteira solidariedade.

Usaram da palavra os camaradas Justino Aniano, José G. Cambado, Manuel Martins e Nuno de Figueiredo, que, indignadamente, exprobaram a atitude governamental ante a greve ferroviária, passando em revista os trabalhos realizados para a solução deste conflito e exortando os presentes a não permitir no seu esmagamento, devendo conservar-se a postos, aguardando a oportunidade para manifestarem a sua consciente rebeldia.

Francisco A. Moreno, em nome dos ferroviários, agradece as manifestações de simpatia à sua classe, e, com palavras repassadas de revolta, cala a fundo sobre as draconianas ordens do Conselho de Administração e seus sequazes, afirmando que a manifestação do povo bejense é a demonstração eloquente da sua repulsa pela reacção burguesa e por último aconselha os ferroviários presentes a manterem-se unidos até final da luta.

Usou depois da palavra o enviado especial da C. G. T., que, em nome deste organismo, expõe sucintamente os esforços por ele empregados para solucionar este conflito, contrastando com o mediocre critério governamental que, apostado em esmagar aqueles camaradas, os pretendia submeter a um regime casermeiro, atentatório da sua dignidade. Apresia a grave hora que passa, e, perante a afronta à organização, diz ser chegado o momento do proletariado impor-se ao prosseguimento da tirania burguesa, exortando a numerosa assembleia a conservar-se a postos, pois em breve a C. G. T., infrutíferos que foram diplomáticamente os seus esforços, ter-se-á que afirmar como organismo representativo das classes organizadas.

As últimas palavras do orador foram sublinhadas com vivas à C. G. T., à BATALHA e à greve geral revolucionária.

Por último foi aprovada uma moção com as seguintes conclusões:

1.º Saudar os camaradas em luta;
2.º Protestar energicamente contra a forma desumana como têm sido perseguidos os que derribam a esta parte;
3.º Prestar todo o auxílio monetário aos ferroviários em luta;
4.º Exercer a maior pressão para que se tomem medidas nas justas reclamações propostas, com manifesto prejuízo para o povo em geral;
5.º Ir até à greve geral revolucionária, se tanto for preciso;
6.º Saudar o jornal A BATALHA.

Depois de encerrada a sessão, foi aberta uma que, que rendeu 8\$85, a favor dos ferroviários em luta.

Operários municipais

As classes dos operários municipais em greve, reuniram ontem, conforme foi anunciado, sendo na dos construtores de macadam aprovada uma moção para que a classe se mantenha na mesma atitude e seriedade como até hoje, e que só seja retomado o trabalho quando o comité o determinar, assim como para a deliberação final se espere pela deposição de mandato da comissão de melhoramentos.

Também os calceteiros reuniram, com grande concorrência, falando vários ca-

MUNICÍCIOS

PARA "A BATALHA"

Quela aberta no Ramal de Pereiró—Pórtio.—Contribuintes

Continuação

Transporte..... 17.568\$28

António da Silva Santos..... 5\$00

João José Joaquim de Figueiredo..... 5\$00

Daniel Afonso da Silva..... 5\$00

Florian de Almeida..... 1\$00

Luís Sereno de Oliveira..... 2\$50

João Baptista da Silva..... 1\$00

Manuel Alves de Oliveira..... 5\$00

Manuel Domingos Duarte..... 5\$00

Constantino Dias de Oliveira..... 5\$00

Constantino dos Santos..... 5\$00

Manuel Loureiro..... 5\$00

António Pinto Soares Júnior..... 4\$00

João de Carvalho..... 5\$00

Francisco Fernandes..... 1\$00

Avellino Lopes Guimarães..... 1\$00

Armando Fernandes Costa..... 5\$00

António Pinto Carvalho..... 2\$00

José de Oliveira..... 1\$00

Cândido Nunes..... 5\$00

Júlio S. Seabra..... 5\$00

José Augusto Ribeiro..... 5\$00

Manuel Dias da Rocha..... 5\$00

Manuel Ricardo..... 5\$00

Raul de Freitas..... 5\$00

Arnaldo da Silva Mora..... 5\$00

Manuel Dias Ferreira..... 1\$00

João Ribeiro de Pinho..... 5\$00

Carlos da Silva..... 5\$00

João da Silva Neves..... 5\$00

Francisco Pereira..... 5\$00

Manuel Ribeiro de Pinho..... 5\$00

António da Silva Neves..... 1\$00

Francisco Pereira..... 5\$00

André Ferreira da Rocha..... 2\$00

Belmiro de Sousa..... 2\$00

Agostinho Gomes Balinho..... 5\$00

João Vilares..... 5\$00

Serafim de Oliveira..... 5\$00

Adelino Alves..... 5\$00

António Henriques..... 5\$00

António da Silva Amaral..... 5\$00

Adão Francisco da Silva..... 2\$00

Serafim da Silva Amaral..... 1\$00

José da R..... 5\$00

José Tavares..... 5\$00

António Gomes da Fonseca..... 1\$00

Custódio Ribeiro..... 5\$00

Guilherme Correia de Ma..... 5\$00

António João de Figueiredo..... 5\$00

Francisco Prêpio da Silva..... 3\$00

José Pereira Moraes..... 4\$00

José da Silva..... 4\$00

António da Rocha..... 1\$00

Manuel Pereira..... 1\$00

José Manuel de Oliveira..... 5\$00

José Gomes de Oliveira..... 1\$00

Manuel Moreira de Azevedo..... 1\$00

João de Sá Pinto..... 1\$00

António da Silva Terra Sêca..... 1\$00

Constantino Ventura..... 5\$00

Aristides Pires..... 5\$00

Manuel Sapo..... 1\$00

João da Silva Figueira..... 5\$00

João Fragata..... 1\$00

Bernardo Canastra..... 1\$00

Francisco Costa..... 1\$00

Francisco Pereira..... 5\$00

José da Silva Fernandes..... 5\$00

José Tavares..... 5\$00

Bernardino Martins Brandão..... 5\$00

Paulo da Silva Duarte..... 5\$00

Alberto Costa..... 5\$00

António Afonso Silva..... 5\$00

Manuel Alves Teixeira..... 5\$00

Manuel Nunes..... 5\$00

Rufino Ribeiro..... 5\$00

Manuel Carolo..... 5\$00

Domingos Aires..... 2\$50

A. J. de Oliveira..... 1\$00

António da Silva Freitas..... 1\$00

Emílio Pinto Ferreira..... 4\$00

António de Oliveira..... 1\$00

Felipe Pinto Rodrigues..... 3\$00

António Martins da Luz..... 1\$50

Alfredo Paiva..... 1\$00

Adelino Pinto da Silva..... 3\$00

A transportar..... 17.664\$48

maradas, os quais foram muito aplaudidos, sendo aprovada a seguinte moção:

«Considerando que a carestia da vida está aumentando escandalosamente dia a dia;

Considerando que o que nos reclamamos não é o suficiente para satisfazer as exigências do momento;

Considerando mais que a organização orerária está com os olhos fixos em nós, conforme se tem demonstrado e como se vê ainda na BATALHA de hoje;

O Estatuto Social

para receber a sucessão do regime capitalista, a benefício de inventário.

Em face da coligação patronal e governamental, os trabalhadores ergueram os seus sindicatos confederados.

Qualquer que seja a opinião dos doutrinários relativamente à sua formação e aos seus métodos, o sindicalismo é, na realidade, o centro de atracção de todas as forças revolucionárias; e não é preciso ser profeta para prever que a C. G. T. está destinada a representar um papel preponderante na Revolução.

É pelo trabalho que o homem satisfaz as suas necessidades. O estatuto da sociedade de amanhã será o estatuto do trabalho organizado; e porque o trabalho não pode ser organizado senão pelos trabalhadores, nada durável poderia ser criada fora do seu consentimento. A criação do Conselho Económico do Trabalho é um facto importante, menos pelos resultados positivos que este organismo é susceptível de produzir práticamente do que pela vontade energicamente afirmada de não abandonar a organização do trabalho ao acaso das lutas dos partidos, aos sislemas dos teóricos e à mistificação dos demagogos.

Seria praticar um erro assas perigoso, o subordinar toda a acção revolucionária ao estudo das soluções a encontrar depois da Revolução, a cujo desencadear ninguém pode precisar a hora, que pode surgir dum incêndio inesperado, o que não deve surpreender-nos.

De nenhuma maneira deveríamos tentar prorrogar-lhe o termo inopinado, se este tem lugar antes de nos julgarmos suficientemente prestos, com o falacioso pretexto de nos colocar na incógnita de uma aventura.

Além disso esse receio é quimérico; pois que não é possível decretar a revolução também não é possível iludi-la. Aceitemos, pois, deliberadamente a hipótese constante. Se o Conselho Económico do Trabalho corresponde ao programa traçado no decorrer da sessão inaugural, se ele não se afasta da sua função essencial—pesquisar nos factos as formas constitutivas da sociedade de amanhã—e, principalmente, se ele regista em absoluto toda e qualquer colaboração no regime capitalista, pode dar um sentido positivo aos fins revolucionários e adquirir assim um valor de propaganda considerável.

Não nos temos sabido contrapor ao realismo burguês senão formulas vagas. Que o Conselho Económico do Trabalho contribua para libertar a propaganda do seu misticismo ilusório e dar-lhe a unidade, sem a qual os esforços revolucionários continuarão a neutralizar-se, exortando-se na pesquisa de outros tantos absolutos quantas as escolas dos propagandistas, sendo possível que imprima nestes uma noção mais exacta das suas responsabilidades.

Por uma reacção natural contra os abusos, nós somos instintivamente levados a atacar os princípios em nome dos quais pretendem justificar aqueles; da mesma forma os excessos do capitalismo engendraram a pior e mais perigosa demagogia. Esta atribui, gratuitamente, aos deserdados todas as virtudes que nega à classe burguesa, como se tais virtudes pudessem florescer no estado aviltante onde a desigualdade económica mergulha, ao mesmo tempo, os que dela aproveitam e os que são vítimas.

Os exemplares humanos não diferem sensivelmente, seja qual for o meio em que se seleccionem; mas, quando nos esforcamos em guiar a classe operária para um ideal de justiça, os que a arrastam ao assalto da cidadela, capitalista por meio de argumento de odio e de vingança, não se apercebem que preparam a Revolução futuros dias amargurados.

Prender é tudo quanto há de mais fácil para as autoridades republicanas, representadas por duvidosos polícias secretas. «Que importa que as famílias fiquem na miséria, que as prisões sejam injustas?»

A polícia não tem outra coisa que fazer, precisa justificar o dinheiro que ganha—prende. E há por esse país tanto terreno inculco por falta de braços que o cultívem! E não aparece um governo consciencioso que tenha a feliz ideia de mandá-los cavar!

Porém, a continuarem as injustiças a patentear-se duma maneira tão impudica é provável que o povo, farto de tanta podridão, se tire de cuidados e os obrigue a regressar à terra, ao seu elemento, a semente batatas, trabalho mais pesado, mais útil e mais eficaz para evitar conflitos sociais, na maioria provenientes da falta de gêneros.

(De Les Temps Nouveaux).

Auguste BERTRAND.

UM "CHEFE"

O diabo os fez... e eles se juntaram!

O chefe da estação de Pegões é herói da aventura que passamos a relatar: «Um dia, após a clássica «matadela-de-bicho», acompanhado do comandante das forças aquarteladas em Pegões botou-se até Bombel e Fonte, e repar avarias, no telegrafo, e por desfastio, mandou depositar no meio da via, as mobílias dos colegas...»

«Mas a mais alto feito se abalançou o «homimão»: «Tendo conhecimento pessoal do estado precário de saúde em que se encontravam três filhinhos do camarada Guerreiro, agulheiro em Bombel, desalojou a família, tendo aqueles infelizes de dormir sobre uns fardos de palha que existiam próximo da estação; durante 13 dias, ali ficaram. Nos últimos dias foi-lhes fornecido, por um soldado, um encerado que ali se encontrava disponível, a fim de que não sentissem as agruras do tempo. Pois esse encerado que ali estava sem dele fazerem caso, foi pelo benemérito inspector Simpício mandado recolher ao Barreiro!»

Inspector e chefe são dignos um do outro. O diabo os fez e eles se juntaram...

Muito pôde... a pingal!

Mas, felizmente, nem tudo é maldade. É digno de elogio o sr. José Narcizo em Pegões, por ter alojado em um armazém da propriedade de seu pai, todos os ferroviários e famílias, assim como também o sr. Manuel R. Vaguihas em Bombel que da mesma forma procedem.

CONFERÊNCIAS

Universidade Popular Portuguesa.—Realiza-se hoje, pelas 21 horas, a 1.ª conferência sobre As questões sociais e sociais no futuro, pelo dr. sr. Camara Reis, que a pedido, tratará novamente de Antero do Quental.

Próximo começará novas séries de conferências marcadas para este ano lectivo.

Prisões "ad hoc"

Sem motivo justificado conservam-se presos inumeros operários

Se se perguntar a meios dos operários que, acreditando num regime de mais ampla liberdade, de vida mais desafogada e livre, sem o espectáculo degradante da política rasteira trespassando a negócios escuros, porque razão fizeram a república, eles responderão que desejavam implantar a Igualdade, a Fraternidade e a Liberdade. Se se perguntar aos mesmos operários se esta república, que eles ajudaram a nascer, corresponde aquela que os polícos apregoavam pelos comícios, decerto que a resposta repassada de desluzido ou oviada, porque a república não corresponde aos ideais de justiça e de igualdade que eles amam, quem quer qualquer coisa de melhor, de mais perfeito.

A república de liberdade não lhes permite, porém, pensar numa sociedade mais perfeita, nem lutar por mais bem-estar. Muitos que ajudaram a fazer a república encontram-se agora a ferros, em nome da Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

Os motivos que a polícia de Segurança do Estado inventa para os manter nas enxovias são disparatados; por vezes, esquecem-se mesmo de inventar porquês. Não é preciso. Assim é mais sincero; prende-se porque convem prender e nada mais.

Pessoas que outro crime não praticaram senão o de serem operários, fazem nos calabouços tempos infinitos até a um dia deles se lembrem e os ponham em liberdade, sem mais explicações, como sem explicações se prendem.

Há longas semanas que Manuel Ribeiro se encontra preso no Limoeiro, depois de ter sofrido uma incomunicabilidade mais injusta do que a sua permanência no Limoeiro.

Estão os actos de Manuel Ribeiro sujeitos à censura, ao parecer de polícias da Segurança, aqueles polícias que escrevem alfalates e outras asneiras de tam grosso calibre que só no governo civil se podem alojar.

António Nunes Canha há meses já que se encontra preso, porque... está preso. José dos Santos, autor de um folheto sobre sindicalismo revolucionário, preso por ter distribuído manifestos monárquicos. «Em que cabeça se metia semelhante asneira? Quem poderia imaginar que um sindicalista fosse distribuir manifestos dos seus inimigos? Só a polícia parece desajar passar a si mesmo um atestado de estupidez.

Se é por bolxevista que os conservam na cadeia, também não acertam, coitados. Podemos dar aqui uma passagem dum folheto da sua autoria que marca bem quão arredado do bolxevismo anda José dos Santos: «Ainda mesmo que, para fazer vingar as suas afirmações, citem as passagens de mais realce que a Revolução russa não podem por forma alguma adaptá-las a outros países, porque a organização que na Rússia existe é muito diferente do que é toda a organização existente nos restantes países do Mundo.» Para a polícia, porém, tudo é bolxevismo.

E como estes, Joaquim Francisco, João Maria Major, António Casimiro da Silva, os operários alfalates António Simão Amaro, Abel Sales, Artur Correia de Araújo, Adriano de Carvalho, Manuel Guilherme de Almeida, Celestino Afonso dos Santos e Manuel de Figueiredo, lá estão à mercê dos caprichos policiais. A greve dos operários alfalates já terminou, porém, estes últimos que foram presos por motivo da greve ainda se conservam nos calabouços.

Prender é tudo quanto há de mais fácil para as autoridades republicanas, representadas por duvidosos polícias secretas. «Que importa que as famílias fiquem na miséria, que as prisões sejam injustas?»

A polícia não tem outra coisa que fazer, precisa justificar o dinheiro que ganha—prende. E há por esse país tanto terreno inculco por falta de braços que o cultívem! E não aparece um governo consciencioso que tenha a feliz ideia de mandá-los cavar!

Porém, a continuarem as injustiças a patentear-se duma maneira tão impudica é provável que o povo, farto de tanta podridão, se tire de cuidados e os obrigue a regressar à terra, ao seu elemento, a semente batatas, trabalho mais pesado, mais útil e mais eficaz para evitar conflitos sociais, na maioria provenientes da falta de gêneros.

EM CEZIMBRA

Um delegado modelo

O delegado marítimo de Cezimbra não caiu nas boas graças da população daquela localidade, nem podia cair. Principiando, como já aqui relatamos, por saltar sobre as leis da pesca, multando e mandando prender quem não fosse do seu agrado.

Claro que não incomodou os grandes industriais, escolheu para saciar a sua sede de despotismo os pequenos, os modestos trabalhadores. Como aqui noticiamos os pescadores Carlos Alexandre e António Correa, que trabalhavam na mesma secção, foram dos primeiros perseguidos. António Correa foi atraindo para o futuro duma enxovia por quatro dias e multado em 2\$00, e Carlos Alexandre multado em 1\$500.

Estas injustiças não caíram no agrado da população. De resto razão alguma havia para multar e ainda que hovesse, não podia essa multa ir, segundo decreto além de 5\$00.

Junta Nacional dos indígenas

A comissão executiva da Junta Nacional dos Indígenas pede-nos a publicação da seguinte nota:

A comissão executiva da Junta Nacional dos Indígenas, tendo apreciado a doutrina que se contém no decreto da autoria do ex-ministro das Colónias, sr. Ferreira da Rocha, sobre os direitos dos indígenas; Considerando que tal decreto não estabelece, de facto, a igualdade de direitos para todos os indivíduos portugueses, sem distinção de raça ou nacionalidade, e, nem sequer, de direito, porquanto se trata dum decreto, por isso sem força revogatória das leis da exclusão, ofensivas da dignidade da raça negra; resolveu, de acordo com o conselho dos delegados indígenas das províncias, representar ao parlamento, no sentido de obter da sua competência legislativa uma medida de franca reabilitação dos direitos afrontados dos africanos.

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Pessoal da Garra de Ferro.—Reuniu esta classe, em sessão magna, para apreciar a resposta que a Companhia deu à sua Comissão de melhoramentos em face das reclamações que lhe foram entregues, entre as quais o aumento de salário. Antes da ordem dos trabalhos, fizeram uso da palavra diversos camaradas, sendo todos unânimes em recomendar a classe a manter-se unida e alerta, assim como a continuar nas semanas seguintes a contribuir com o auxílio monetário para os camaradas ferroviários.

Em nome da comissão, fez uso da palavra o camarada António da Silva, que expôs minuciosamente tudo quanto se passou com a Companhia, a qual declarou não poder dar mais do seu pessoal nem mesmo que aumente as tarifas. Esta declaração caiu mal à classe, a ponto de revoltar a assembleia que não se conforma com tal resposta.

Falaram ainda diversos camaradas, que, com palavras energéticas, censuraram a atitude da Companhia por não querer conhecer os coíres e deixar o seu pessoal na miséria. Em face de tal atitude e a Companhia estar ainda a fugir ao cumprimento de uma promessa feita em 1917, de regresso ao movimento, foi aprovada uma moção com as seguintes conclusões:

1.º Não prescindir das reclamações entre as classes, até que se obtenha o aumento de salário que tenha que recorrer aos meios escusos.

2.º Não recorrer a esse meio sem que a Companhia cure a sua situação com a Câmara Municipal, isto caso a mesma não se prolongue;

3.º Não se importar a classe que a Companhia aumente ou não as tarifas para o efeito do aumento de salário porque dum ou outra forma não prescindirá dele;

4.º Recorrer aos tribunais arbitrais caso a Companhia não queira pagar o aumento de licença